



Anticorpo positivo

A negação

O choro

China

Itália

Estados Unidos

Brasil

China versus Estados Unidos

O destino dos europeus

Beirute explode no meio da pandemia

Um pária pandêmico

Nova York

O mergulho

Sobre o autor

Créditos

## Anticorpo positivo

Sou jornalista em grande parte para cobrir os maiores acontecimentos geopolíticos internacionais. Na minha carreira, já cobri eventos como a primeira Guerra de Gaza (2009), a queda de um presidente em Honduras (2009), o terremoto no Haiti (2010), a crise econômica argentina (2000-2001) e as eleições dos Estados Unidos de 2012, 2016 e agora em 2020. Entrevistei Bashar al-Assad (2010), o atual presidente do Líbano Michel Aoun e o então premiê Rafik Hariri. Estive a trabalho em lugares como Líbano, Síria, Jordânia, Egito, Israel, Palestina, Iêmen, Omã, Emirados Árabes.

Quando um jornalista está fazendo reportagens em uma zona de conflito ou em um lugar onde ocorreu uma tragédia natural, no fundo ele sabe haver a possibilidade, mesmo nas situações mais remotas, de abandonar tudo e ir para uma região segura. Por exemplo, quando estive em Damasco em 2011, sabia que poderia a qualquer momento entrar em um táxi e em cerca de trinta minutos estaria na fronteira com o Líbano — naquela época, em uma situação incomparavelmente melhor do que a atual depois da explosão de agosto. Uma vez em Beirute, poderia pegar um voo para Paris, Londres, Istambul ou Frankfurt.

Poucos meses antes do agravamento da pandemia, embora ela provavelmente já estivesse circulando em Nova York, comentamos no programa *Em Pauta*, onde sou um dos comentaristas, sobre um pai com uma filha pequena na Síria, que ficava tentando distraí-la com uma brincadeira sobre ser “avião ou bomba” o barulho que ouviam. Semanas depois, ainda que numa dimensão incomparavelmente menos perigosa, éramos nós tentando distrair nossos filhos impedidos de ir para a escola para não serem infectados por um vírus e precisando passar semanas reclusos dentro de casa.

Após uma semana no Haiti nos dias que se seguiram ao terremoto, peguei uma carona com a equipe da RBS-TV para ir de Porto Príncipe para a República Dominicana. Menos de uma hora após deixar a devastada capital haitiana, cruzamos a fronteira para o território dominicano. Imediatamente, o motorista ligou para a filha e começou a relatar o inferno que estava o Haiti. Ficamos com lágrimas nos olhos, com todas aquelas imagens voltando para a nossa cabeça. Paramos em uma cidade pequena e fomos tomar um refrigerante. Era uma normalidade absurda para quem havia visto tantos corpos e destruição nos dias anteriores. Mais algumas horas de viagem e eu estava no aeroporto de Santo Domingo, embarcando para Nova York. Um dia depois de presenciar a tragédia haitiana, eu estava no Central Park.

Na pandemia, essa sensação de haver um lugar de estabilidade para onde possamos escapar inexiste. Podemos ser contaminados pelo vírus em Nova York, São Paulo, Beirute ou Berlim. Claro que há cidades e países mais arriscados para se estar do que outros. Estaria mais seguro em Auckland, na Nova Zelândia, ou em Seul, na Coreia do Sul, do que na Cidade do México ou em Manaus. Ainda assim, não existe segurança garantida em nenhum lugar. Ainda mais grave, todas as pessoas de quem gostamos também estão ameaçadas. Isso gera uma preocupação intensa e aflitiva o tempo todo, sem descanso. Para completar, como jornalistas, estamos passando pela mesma experiência que todas as pessoas e enfrentamos as mesmas restrições. Ao fazer uma reportagem no Iêmen, eu buscava explicar aquele país e seus conflitos para um público que jamais teria a oportunidade de ir para aquela nação. Leria meu texto em sua casa, no Rio de Janeiro ou em Campinas. Na Covid-19, no entanto, preciso relatar a mais importante história da nossa geração para pessoas que estão na prática na mesma situação que eu. Além disso, diante dos protocolos de isolamento, tampouco podia sair pelas ruas e ir a hospitais para contar o drama das vítimas. Poderia ser infectado ou infectar alguém.

A cobertura da pandemia foi, sem dúvida, o maior desafio para nós, jornalistas. No meu caso, tentei ao máximo me colocar como mais um nesta catástrofe que afeta a humanidade. Não sou infectologista, mas busquei me informar o mais possível para poder entrevistar os especialistas e, quando necessário, explicar para a audiência que me assistia na TV. Meu papel mais importante, no entanto, foi o de mostrar os impactos do coronavírus para a geopolítica mundial.

De todos os efeitos geopolíticos, o mais importante serão as eleições nos Estados Unidos. Afinal, a pandemia certamente impactou nas chances de Donald Trump ser reeleito. Caso o presidente perca as eleições, podem ter certeza de que terá sido em grande parte consequência da Covid-19, que ele contraiu nos primeiros dias de outubro. Antes do novo coronavírus, o líder americano possuía uma excelente narrativa do cenário econômico positivo. Agora, carrega uma economia na sua maior crise desde a grande depressão, para não falar nas dezenas de milhares de mortes.

Ainda que Trump vença, houve uma grande deterioração da imagem internacional dos Estados Unidos. Não imaginávamos que a maior economia da história da humanidade, com suas poderosas Forças Armadas, suas empresas como Google e Apple, universidades como MIT e Stanford, cidades como Nova York e São Francisco, fosse menos capaz de enfrentar uma pandemia do que países incomparavelmente mais pobres.

A imagem que ficará para mim será a do navio-hospital chegando a Manhattan, do hospital de campanha no Central Park e dos corpos em caminhões frigoríficos. Além, claro, dos sons das ambulâncias. Foram meses em casa com minha mulher, meus dois filhos e meu cachorro, assim como você, leitor, também ficou. Fiz o possível para não ser infectado.

Em março, tive até uma tosse. Que não passava. Mas não incomodava. Era quando o vírus estava em circulação máxima em Nova York. Não era possível fazer teste de Covid-19 sem estar em estado grave e eu tampouco queria me arriscar. A tosse acabou passando em algum momento de abril. Em julho, fiz o

teste de anticorpos. Deu positivo. Talvez eu tenha sido infectado pelo coronavírus. Não sei. Existe sempre a chance de ter sido falso positivo. Mas fico pensando que eu poderia ter sido afetado por uma versão mais grave da doença justamente quando os hospitais estavam lotados na cidade. Teria sido mais uma das vítimas da incompetência de autoridades que não agiram a tempo para conter esta pandemia e evitar centenas de milhares de mortes.

## A negação

A primeira vez que ouvi falar sobre um novo vírus que surgia na China foi em uma reportagem no site da BBC no último dia de 2019. Eu retornava a Nova York para o plantão de fim de ano na Globonews, após passar o Natal no Brasil. No passado recente, havia lido uma série de reportagens e também assistido a documentários sobre o risco iminente de uma pandemia. Sempre temi essa possibilidade: uma doença infecciosa que pudesse provocar milhões de mortes ao redor do planeta. O tema havia sido diversas vezes pauta de extensas reportagens em revistas como a *The Atlantic* e *The New Yorker*, além de tópicos de artigos da prestigiosa revista *Foreign Affairs*. O filme *Contágio* (2011) criava uma ficção sobre uma possível pandemia de proporções catastróficas. Bill Gates alertava para essa possibilidade em palestras.

Achava, no entanto, que nunca seria agora, no presente. Não via essa ameaça como algo imediato. É como saber que, em algum momento, perderemos um ente querido em alguma tragédia ou mesmo pela idade. Mas há uma segurança inconsciente de que não será hoje, nem amanhã, nem no mês que vem e tampouco neste ano. O mesmo ocorria com a pandemia, na minha visão. Seria em um futuro distópico, assim como as consequências do aquecimento global. Não fiquei alarmado. Somos psicologicamente treinados para sofrer mais o impacto de crises imediatas e agudas do que de ameaças genéricas. Isso afeta tanto as nossas escolhas individuais como também a de governos.

Não era apenas a ausência de preocupação emergencial. No fundo, muitos de nós imaginávamos que todas as pandemias poderiam ter um fim similar ao da Sars, que acabou sendo controlada e desapareceu, ou da gripe suína, responsável por um

número de mortos inferior às previsões mais otimistas. Mesmo a Zika, transmitida por meio da picada de um mosquito, seguiu restrita a apenas algumas partes do Brasil e de poucos países. O mundo, na nossa cabeça, havia avançado muito desde a gripe espanhola, mais de cem anos atrás. Um cenário como o da peste negra jamais seria cogitado em nossos dias. Infelizmente, muitas pessoas — incluindo autoridades — pensaram da mesma forma. Esse comportamento foi fatal. No mundo inteiro. Erramos tanto ao não prever o risco imediato como também ao achar que todas as epidemias teriam o mesmo destino de outras recentes.

A possibilidade de uma pandemia se perdia em meio a uma série de outros acontecimentos que dominavam as manchetes, as redes sociais e as preocupações dos governos. Era apenas mais um tópico entre vários outros encarados como mais relevantes. Três dias depois do início de 2020, Qassem Suleimani, comandante das Guardas Revolucionárias do Irã, foi morto em um ataque americano no Iraque. As atenções da opinião pública se concentraram no risco de um conflito no Oriente Médio que envolvesse americanos e iranianos. Naquela primeira quinzena de janeiro, por incrível que pareça, o regime de Teerã, e não a China, ainda parecia o grande adversário americano. A resposta iraniana foi calculada para evitar uma escalada que prometia ser devastadora. Fiquei semanas comentando sobre um possível conflito, que hoje parece esquecido diante de problemas muito maiores com a pandemia. Eu me recordo de responder a perguntas sobre qual poderia ser o impacto desta crise no Oriente Médio nas eleições americanas. A resposta, meses após o episódio, é nenhuma. Já o novo coronavírus, que começava a ganhar força na China, será determinante.

Outros voltaram seus olhos para Washington, onde o presidente Donald Trump era julgado em um processo de *impeachment* por ter usado seu poder presidencial para pressionar a Ucrânia a investigar seu rival político, Joe Biden, e seu filho. Pensem em quantas linhas de jornais, livros, tempo de TV e tweets foram publicados sobre esta tentativa de remoção do presidente americano. Não estou dizendo que a ação do Partido



Democrata fosse ilegítima. Pelo contrário. O líder americano realmente cometeu um ato que poderia e, na minha visão, deveria levar ao seu afastamento. Minha questão é sobre como as autoridades, na Presidência e no Congresso, deixaram de avistar um cenário incomparavelmente pior. A queda de um presidente é algo traumático na narrativa de qualquer país. Os Estados Unidos experimentaram isso com Richard Nixon, que renunciou antes de um inevitável afastamento, e nós brasileiros observamos o mesmo com Fernando Collor de Melo e Dilma Rousseff. Mas ambos os países seguiram em frente, governados pelos vice-presidentes. Foram crises políticas graves, mas que não resultaram em dezenas de milhares de mortos como a pandemia.

Ao mesmo tempo que Trump era julgado em Washington, o ex-vice-presidente Joe Biden se preparava para as primárias do Partido Democrata em Iowa e New Hampshire. Novos nomes despontavam como possíveis candidatos para disputar a Casa Branca. Ainda em fevereiro, a situação mais provável era Bernie Sanders enfrentar Trump nas eleições presidenciais em novembro em um cenário econômico positivo para os Estados Unidos. O atual presidente americano era favorito nas eleições. Esse é mais um exemplo da cegueira de todos nós diante dos acontecimentos já em andamento na China e outras partes da Ásia.

O ano de 2020 também rumava para ser marcado pelo Brexit. Difícil imaginar que algo pudesse superar na Europa a oficialização da saída do Reino Unido da União Europeia. Seria o maior acontecimento no bloco ao menos desde a adoção do Euro (2002), embora os britânicos não fizessem parte da moeda comum. Todos esses meses seriam dedicados à tentativa de um acordo entre Londres e Bruxelas. Obviamente, as centenas de milhares de mortes no continente ofuscaram o tema que dominou o cenário britânico e europeu nos últimos quatro anos.

A guerra comercial entre Estados Unidos e China prosseguia. As disputas, no entanto, ainda se concentravam no campo econômico. Poucos imaginavam um agravamento nas relações

*image  
not  
available*

fevereiro, logo após o fim do carnaval. Era uma pessoa de São Paulo que havia retornado de viagem à Europa. Depois, veio o surto em um casamento de grã-finos em Trancoso, na Bahia.

Líderes mundiais, como Trump, Boris Johnson e Jair Bolsonaro, insistiam que a nova doença não era grave e a comparavam a uma mera gripe. Mesmo na Itália, o prefeito de Milão dizia para as pessoas continuarem nas ruas e aos turistas para visitarem a cidade. Pessoas que eu respeito (ou respeitava) afirmavam que seria um “bom momento” para visitar as cidades italianas porque os preços estariam mais baixos e haveria menos turistas. Uma ignorância tremenda. Não sei o que se passava na cabeça dessas pessoas. Alguns ainda relutavam em cancelar viagens do Brasil ou dos Estados Unidos para a Itália naquele momento. Vi um comentarista criticando o cancelamento do torneio de tênis de Indian Wells, na Califórnia. Não havia racionalidade. Como poderiam supor que seria possível controlar o vírus?

Um isolamento como o de Wuhan parecia algo impensável no Ocidente, embora cientistas alertassem que essas medidas seriam inevitáveis nas semanas seguintes. Diziam que democracias não aceitariam impor essas restrições, ainda que fossem as únicas alternativas para salvar milhões de vidas.

*image  
not  
available*

## China

O novo coronavírus surgiu na China a partir de um morcego e, talvez por meio de um intermediário, atingiu seres humanos. Segundo cientistas, é um vírus encontrado em ambiente natural. Não foi fabricado em laboratório, como insistem os seguidores de teorias da conspiração. Teria, de acordo com autoridades chinesas, infectado inicialmente uma pessoa em um mercado de animais vivos em Wuhan, na China.

Nos Estados Unidos, contudo, meses após a eclosão da epidemia, autoridades do governo de Donald Trump não descartavam a possibilidade de o vírus ter sido levado para a comunidade após um acidente em um laboratório onde se estuda o próprio coronavírus. Este laboratório de fato existe. Mas não há nenhuma evidência de que isso tenha ocorrido, e serviços de inteligência americanos dizem não ter como confirmar. Mesmo que tenha sido, não se sabe se a China mantém essa informação em segredo ou se também a considera um mistério. O certo é que este coronavírus veio de um morcego e deve ter passado para um humano por meio de outro animal. Não foi fabricado em laboratório.

Documentários, reportagens e mesmo filmes sempre cogitavam a possibilidade de uma pandemia surgir na China. A memória da Sars era ainda muito forte. Mas, como escrevi antes, justamente por ter havido a Sars, havia uma ideia equivocada de que mais uma vez o problema seria restrito à Ásia e não se espalharia para o restante do mundo, provocando um otimismo irracional em autoridades políticas e econômicas nos Estados Unidos e na Europa.

Ao longo do mês de dezembro, estranhos casos de pneumonia começaram a aparecer em Wuhan. Não dava para saber com precisão o que ocorria na cidade. A China insistia

## Itália

Para evitar o avanço de uma pandemia, nações precisam ter uma preparação de longo e de curto prazo. Segundo um artigo na *Foreign Affairs*, seria algo como um furacão ou um terremoto. Regiões como a Flórida, que costumam ser atingidas por furacões, e como o Japão, epicentro de muitos terremotos, investem em construções mais resistentes. Um edifício moderno em Miami é mais resistente a ventos do que um no Rio de Janeiro, onde não há furacões. O mesmo vale para os prédios de Tóquio quando comparados aos de São Paulo se o propósito for evitar estragos em tremores de terra, já que a capital paulista não se localiza sobre uma falha tectônica.

Em segundo lugar, há os planejamentos de curto prazo, especialmente para furacões. Quando uma tempestade tropical ganha força no Caribe e se transforma em um furacão de categoria 3, por exemplo, as autoridades tomam medidas rápidas, como a evacuação de pessoas de áreas costeiras e o reforço em construções, como a colocação de madeiras nas janelas.

Um terremoto com o mesmo grau na escala Richter causa incomparavelmente mais destruição e mortes no Haiti do que no Japão porque os governos japoneses, ao longo de décadas, se prepararam meticulosamente para esses momentos. Os haitianos, não. Claro que, mesmo assim, em alguns casos o colapso é inevitável, como quando ocorreu um terremoto de 9 graus na escala Richter e um tsunami no norte japonês em 2011. Imagine, no entanto, o estrago infinitamente maior de um tremor dessa dimensão em Porto Príncipe?

Falhas na preparação de longo e curto prazo podem provocar o caos em desastres naturais, como foi observado no furacão Katrina, em Nova Orleans, em 2005. Uma série de medidas que

epidemia de uma doença respiratória como a Covid-19. Não havia máscaras para a população. Não havia respiradores para os hospitais. Não havia um protocolo para o distanciamento social. Não existia o preparo de países asiáticos como o Japão, a Coreia do Sul e Taiwan. Era o caos à italiana.

O segundo problema foi a incompetência inicial de autoridades italianas. Muitos não compreendiam o crescimento exponencial de uma doença pandêmica. Como havia poucos casos, seguiam relutantes em adotar medidas extremas para conter a curva de infecções quando ela ainda estava baixa. Achavam ser possível manter a economia aberta e a vida normal mesmo diante da ameaça do novo coronavírus. Um personagem exemplar desse comportamento equivocado foi o prefeito de Milão, que posteriormente se desculpou por ter insistido em não impor o isolamento.

Diante de cenas inimagináveis na Lombardia, com médicos precisando escolher quem receberia a ajuda dos respiradores, o governo italiano finalmente impôs um rigoroso lockdown para conter a circulação de pessoas. Começou pelas províncias do Norte, mas dias depois passou a vigorar em toda a nação. As pessoas poderiam apenas ir ao trabalho, caso fossem consideradas trabalhadores essenciais, ao supermercado e à farmácia.

Com a pandemia atingindo virulentamente outras nações europeias, como a Espanha e a França, em poucos dias grande parte do continente estava em isolamento. Era preciso dar a martelada. Ninguém circulava pela Piazza Navona em Roma, pela praça Puerta del Sol em Madrid, pelas Ramblas em Barcelona e pela Champs-Élysées em Paris. Campeonatos de futebol, festas e shows foram cancelados. Escritórios, restaurantes e lojas, fechados. Todos precisavam ficar em casa em busca da diminuição da curva de infectados pela Covid-19. O Reino Unido demorou um pouco mais para agir porque chegou a cogitar adotar a política de imunidade de rebanho. Quando estudos demonstraram o risco de centenas de milhares de pessoas morrerem, o premiê Boris Johnson, que viria a sofrer um

setenta mortes diárias. No final de junho, já era quase dez vezes menor, em uma trajetória que prosseguiu em julho. Em agosto, havia dias seguidos sem o registro de nenhuma morte e com a circulação do vírus em patamares parecidos ao da Coreia do Sul.

A coletiva diária de Cuomo entrou no ritual aqui de casa. A família toda assistia, ainda que meus filhos prestassem pouca atenção. Entendiam que o governador de Nova York seria um dos responsáveis por nos proteger do vírus. Ficávamos torcendo para a redução no total de mortos. Creio que essa postura dele ajudou a passar confiança para os nova-iorquinos. Foi transparente nos momentos ruins, mas deixava claro que as medidas iriam provocar melhoras. Descrevia bem a necessidade da martelada e também como seria a dança.

Outros estados americanos tiveram uma performance inicial bem superior a Nova York, independentemente de serem governados por democratas ou republicanos. Um dos exemplos principais foi a Califórnia. Pesou a favor o fato de as cidades californianas, com exceção de São Francisco, serem menos densas do que Nova York. Porém o mais importante foram as autoridades locais terem agido com rapidez, antes das nova-iorquinas.

Houve, no entanto, uma série de estados como a Flórida e o Texas que abriram as suas economias de forma desorganizada, na chamada dança, e sem ter o mínimo controle da doença. Não seguiram as recomendações das autoridades de saúde. O resultado, inevitável, foi um crescimento alarmante no número de casos. O mesmo ocorreria com a Califórnia, após um início promissor. Nesse sentido, Nova York demonstrou mais competência ao lidar com a crise a longo prazo. A martelada demorou para os nova-iorquinos, mas, quando veio, teve impacto positivo. E o estado “dançou” bem melhor do que os demais. Os governantes do estado e da cidade entenderam que somente com uma série de indicadores positivos, como redução nas internações, no número de novos casos, de mortes e de resultados positivos em testes, poderiam permitir uma gradual reabertura da economia.



Pazuello assumiu interinamente o cargo por meses até ser efetivado, sem contestar o negacionismo do presidente.

Houve também atritos graves entre Bolsonaro e governadores, como João Doria, de São Paulo, que viam a necessidade da martelada inicial, antes de implementar a dança. Pretendiam seguir mais ou menos o caminho dos europeus e de Nova York. Mas esbarravam no discurso anticiência do presidente.

Na maior parte do mundo, diferentemente dos Estados Unidos e do Brasil, opositores se uniram aos governos, evitando politizar o combate à Covid-19. Cenários parecidos foram observados em países no Oriente Médio. Na África, com uma experiência maior em pandemias e uma população jovem, o impacto ao menos nessa primeira leva da pandemia ficou aquém do mundo desenvolvido.

Não é possível determinar se democracias ou ditaduras tiveram performances melhores nesta pandemia. Houve fracassos em regimes ditatoriais, como o Irã, e também em democráticos, como o Reino Unido. Ao mesmo tempo, algumas nações governadas por ditaduras, como a própria China, sobressaíram, da mesma forma que democráticas, como a Coreia do Sul. Portanto o sistema de governo não impactou na definição de quem teve sucesso.

O fator econômico tampouco foi determinante. Países ricos como a França tiveram dezenas de milhares de mortos. Outros, também ricos, como o Japão, viram apenas centenas de vítimas fatais. Entre os pobres, houve casos de sucesso como o do Paraguai, e de fracassos, como o Equador. Mesmo entre nações economicamente próximas, como o Chile e a Argentina, houve disparidades. Na Europa, Portugal, Grécia e Croácia conseguiram enfrentar a Covid-19 com resultados bem melhores do que outros países do sul do continente, como a Itália e a Espanha. No Oriente Médio, Israel, a nação mais desenvolvida, teve proporcionalmente um número de mortos bem maior do que nações árabes mais pobres. O país inclusive adotou um segundo lockdown em setembro diante do crescimento dos